

6

O Cenário da FAGAP : Fragmentos Sobre a Cidade de Lorena

Se a trajetória de uma cidade contribui para compreendê-la, os traços essenciais de seu meio, o entendimento de sua gênese e de sua trajetória são valiosos referenciais para uma investigação que se realiza em íntima relação com o contexto urbano.

Conhecer o meio físico, o local em que se localiza contribui para a compreensão de sua história e permite relacionar uma trama de processos que determinam períodos de estagnação e de progresso, que marcam a formação e a transformação de uma cidade.

Por isso, considero essencial, para a compreensão do tema em estudo, apresentar alguns referenciais sobre Lorena, cidade em que se encontra a FAGAP.

O critério utilizado foi o de apresentar os pontos mais relevantes na construção de laços de pertencimento com a cidade e com a região. Por isso, descartei grande parte do material que pesquisei, preservando apenas o que considere com algum significado para a pesquisa.

Os fatos e as reflexões e os questionamentos citados estarão subjacentes ao longo da tese, pois são o arcabouço de algumas proposições que se seguirão.

Hino

Música: Pe. Fausto Santa Catarina
Letra: Francisco Ferreira Leite

♪ ♪

Guaypacaré da eras coloniais
Surgida no roteiro das "bandeiras"
Que escalaram sertões e cordilheiras
A demandar as minas cataguases.
Do Paraíba à margem, teus pioneiros
Erigiram à Virgem uma ermida,
E entre bênçãos a terra protegida
Na Vila Hepacaré fez suas bases.

(estribilho)

Oh! Terra das Palmeiras Imperiais,
Velho berço de Condes e Barões,
Ninguém de ti esquecerá jamais,
Ao reviver as tuas tradições!

Do solo teu que o escravo arou,
Brotaram verde-rubros cafezais,
E pelo Vale, imensos canaviais,
Do teu progresso indústrias se tornaram.
Os teus heróis que a história consagrou,
Batalharam por nobres ideais,
Na jornada imortal dos Liberais,
Intrépidos os filhos teus tombaram!

(estribilho)

Oh! Terra das Palmeiras Imperiais,...

Do teu passado, rico em tradições,
Cantamos no teu hino toda a glória,
Na exaltação da tua bela história,
A esta gente brava e varonil.
E contemplando as tuas gerações,
Oh! Lorena de outrora e do presente
Te confiamos nobre sonho ardente:
-O esplêndido futuro do Brasil!

(estribilho)

Oh! Terra das Palmeiras Imperiais,...

♪ ♪

6.1 Identificação do Espaço Geográfico

A cidade de Lorena localiza-se no Estado de São Paulo, na região do Vale do Paraíba.



Fig. 12 – Localização de Lorena

As características particulares desta região distinguem-na como uma região natural denominada Vale do Paraíba, que ocupa uma área situada parte no Estado do Rio de Janeiro e parte no Estado de São Paulo.

A paisagem do Vale do Paraíba clarifica o processo de ocupação do homem na região. O relevo do Vale do Paraíba, especialmente o do Médio-Vale¹, é bastante diversificado: apresenta desde extensas planícies inundacionais aos relevos elevados, encontrados na Quebra-Cangalha e na Mantiqueira (Simões, 2001).

O Vale do Paraíba constitui uma área cultural, o que não significa uma homogeneidade dos padrões culturais de cada cidade situada na região, pois, naturalmente existem as particularidades de cada uma delas.

Ao norte de Lorena, podem ser observadas colinas, que são os primeiros contrafortes da Serra da Mantiqueira. Ao sul, os primeiros contrafortes do paredão da Serra do Mar, denominados Bocaina e Quebra-Cangalha. A altitude média é de 524 metros.

Em Lorena, o curso do Paraíba do Sul é de 16 km e sua largura média é de 100m. São onze as lagoas na região, a menor com 20.000 m², a mais extensa com 120.000 m².

O clima de Lorena é quente e seus invernos secos, a temperatura média máxima é de 27 °C, e a mínima, 13 °C. O mês mais quente é o de fevereiro, com temperatura média de 35°C, e o mais frio, julho, com a média de 11°C.

¹ O Médio-vale compreende a região entre São José dos Campos e Cruzeiro.

Área cultural = um espaço geográfico e social sobre o qual se permutam e se difundem características culturais comuns, ou seja, relações sociais, sistemas de valor e modos de vida partilhados entre indivíduos de uma mesma cultura ou de duas culturas possuidoras de pontos comuns (Akoun, 1983, p. 40)

Hidrografia = Todas as terras do município lorenense são drenadas pela bacia do rio Paraíba do Sul. No entanto, esse rio passa duas vezes pelo município; a primeira vez ao sul, ainda sob a denominação de Paraitinga, na divisa com o município de Cunha, e a segunda vez ao norte, já sob o nome de Paraíba do Sul. <http://www.lorena.sp.gov.br/historia/dados.php> (2006).

6.2 Elementos Históricos²

Com a chegada dos primeiros europeus ao Vale do Paraíba, chegou o Cristianismo. A religiosidade popular fez com que surgissem pequenas ermidas dedicadas a alguns santos; muitas delas tornaram-se posteriormente capelas e mesmo importantes igrejas. Até hoje, a influência católica é forte nessa região, uma das primeiras povoadas pelos portugueses no Brasil³ (Bonatti, 2001; Toledo, 2000).

A vida religiosa marcava profundamente o contexto social da época. Era em torno das igrejas que se desenvolvia a vida de cada localidade, durante as novenas, as festas do padroeiro e a semana santa. Em geral, eram os fiéis leigos (não-sacerdotes) que orientavam o povo e "puxavam" as orações. O fato, que é geral no Brasil, explica a religiosidade de cunho marcadamente popular e devocional do catolicismo brasileiro, que valorizava e ainda valoriza, mais do que as missas, as novenas, procissões, terços e romarias. As festas de São Benedito, por exemplo, sempre foram, na região, mais importante que Corpus Christi e a Páscoa (Bonatti, 2001, s.p.).

A Igreja Católica ainda é até hoje majoritária na região do Vale, porém é forte a presença de muitas igrejas evangélicas: a Igreja Batista, Metodista, Presbiteriana, Universal e, pentecostais fundamentalistas, como Assembléia de Deus, Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, Congregação Cristã no Brasil (Bonatti, 2001).

O catolicismo popular é forte na região. Vivendo isolados, os moradores locais foram passando, de pais para filhos, determinados comportamentos e crenças. Destaca-se pela alegria das festas, ladainhas e procissões com que cultua determinados santos e os padroeiros. Nos seus primórdios, algumas vezes, opunha-se ao catolicismo oficial; hoje estão integradas ao catolicismo tradicional. O catolicismo popular, além de uma "garantia da proteção pessoal e coletiva, funcionou como instrumento de coesão social e de participação na vida de cada comunidade" (Toledo, 2000,s.p.).

O catolicismo popular é aquele vivido pelos pobres em geral. Tem origens no mundo rural. Os homens do campo cultivavam uma mística da natureza, sentindo a presença de forças cósmicas. Procuravam então o sagrado, o santo, o divino, para se proteger das doenças, dos infortúnios e da intempéries do tempo. Para tanto, reservavam tempo para as festas. Para saudar, agradecer, pedir proteção, revigorar a crença no "seu santo". Daí o caráter festivo deste catolicismo. As festas dos santos padroeiros eram ajustadas ao ciclo litúrgico e ao mesmo tempo, ao ciclo da vida natural. Durante o século XIX, o catolicismo popular desloca-se, gradativamente, para os centros urbanos, sem apresentar modificações em suas características básicas (Toledo, 2000,s.p.).

² Neste segmento, tomei por base diferentes trabalhos de Toledo (2001, 2002, 2006).

³ Como exemplo marcante, destaco a cidade de Aparecida do Norte, que atrairomeiros de todo o Brasil, e Cachoeira Paulista, onde se localiza-se sede da Canção Nova, cuja organização teve início na cidade de Lorena.

Desde o início da colonização, o Rio Paraíba tornou-se um roteiro natural para os portugueses que, possuidores de espírito aventureiro, procuraram adentrar pela região do Vale do Paraíba. Três eram seus principais objetivos: encontrar metais preciosos, converter os gentios à fé e garantir a posse do território. Seus trajetos cortaram os sertões do Vale do Paraíba e,

a partir do início do século XVII, foram palmilhadas diversas trilhas indígenas, que conduziam ao litoral Norte e ao sopé da Mantiqueira, de onde as bandeiras e viajantes partiam serra acima até atingir a região das Minas Gerais(...) (Toledo, 2006, p.3).

A necessidade de pontos de apoio às expedições garantiu a ocupação da região, fazendo surgir embriões de povoados em locais onde hoje se localizam muitas cidades da região.

Nestas investidas surgiu o Caminho Velho dos Paulistas, ou Estrada Real. Ele partia de São Paulo, passava pela Penha, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Guararema, atingindo o Vale do Paraíba, em Jacareí. Estendia-se até Taubaté, de onde passava a acompanhar o trajeto do Caminho Velho de Parati, até atingir a garganta do Embaú (Toledo, 2006, p. 4).

As primeiras sesmarias começaram a ser doadas em 1628. A Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté foi fundada em 1645 e, logo, tornou-se o centro irradiador do povoamento da região. Desse local, chefiados por Antônio Rodrigues Arzão, partiram os bandeirantes que chegaram às primeiras minas de ouro localizadas na região da atual cidade de Ouro Preto.

Durante o século XVIII, o governo português aumentou o controle da circulação do ouro e das pedras preciosas, na proporção em que era ampliada a produção das riquezas minerais na região das minas gerais.

Ligado a este contexto da mineração, numerosas trilhas do ouro foram sendo abertas. Partindo do litoral, quer de Paraty, pelo Caminho Velho, quer por Mambucaba, seguiam em direção à Serra da Bocaina, de onde se bifurcava em diversas outras trilhas que alcançavam diferentes áreas do Vale do Paraíba, seguindo por atalhos na Serra da Mantiqueira até alcançar a região aurífera. A mais famosa delas recebeu o nome de Cesaréa, construída por volta de 1740. Partia da Vargem Grande, hoje município de Areias e seguia serra acima, toda pedregulhada, em direção à Mambucaba (Toledo, 2006, p. 4).

Apesar de leis rigorosas e de uma intensa fiscalização, o contrabando não foi evitado, sobretudo pelos desvios e *descaminhos* que surgiam. Na transposição da Serra da Mantiqueira ao Sertão do ouro das Minas Gerais para a travessia do Rio Paraíba, os bandeirantes paulistas tinham como ponto natural de acesso uma passagem pela

⁴ As terras eram, então, propriedade do Sr. Bento Rodrigues Caldeira.

⁵ Segundo Teodoro Sampaio *Hepacaré*, nome tupi-guarani, quer dizer *braço ou seio da lagoa torta*, em virtude de um braço (morto) do Rio Paraíba. Para o Relatório da Província de São Paulo, de Azevedo Marques (1887), *Hepacaré* significa, porém, *lugar das goiabeiras*.

Garganta do Embaú, um pequeno porto. A localidade, então pertencente à Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá, progrediu aceleradamente e firmou-se conhecida tanto como *Arraial ou Roças de Bento Caldeira ou Bento Rodrigues*⁴ quanto como *Terras do Porto de Guaypacaré ou Hepacaré*⁵ ou, apenas, Arraial do Guaypacaré. Foi esse local o berço do núcleo do povoado que daria origem à hoje cidade de Lorena (Gama Rodrigues, 2002; Evangelista, 2001).

Para impedir os descaminhos do ouro e melhorar a ligação das capitânicas de São Paulo e do Rio de Janeiro, as autoridades coloniais decidiram construir um caminho pelo qual transitaria o gado que fosse comercializado e enviado para o Rio de Janeiro, acompanhando as trilhas existentes na Serra do Mar. O Caminho do Gado foi construído nas primeiras décadas do século XVIII. Partia entre os limites de Guaratinguetá e Lorena, para alcançar o Planalto da Bocaina e dali seguia em direção a Bananal e aos limites das capitânicas. Uma bifurcação no alto da Serra permitia chegar-se ao litoral, via Mambucaba (Toledo, 2006, p.4).

Em 1705, os moradores locais, entre os quais o próprio Bento Rodrigues Caldeira, erigiram uma pequena capela, que foi consagrada a N.S. da Piedade. A região evoluiu, tornando-se, em 1718, a Freguesia de Nossa Senhora da Piedade (Gama Rodrigues, 2002).

Desde o início da colonização, a influência do culto mariano era muito forte nessa região. Assim, estimulada pela Igreja, eram muitas as manifestações de fé e devoção a N.S. da Piedade. Tais manifestações de fé e devoção à Santa resultaram nas celebrações das festas de 15 de agosto, tradição conservada até hoje.

Muitos eram os devotos a Nossa Senhora da Piedade⁶, não apenas moradores locais, mas também viajantes que para lá se dirigiam, tornando o local um destacado centro de peregrinação, o primeiro da região do Vale do Paraíba.

Esta posição de destaque somente foi suplantada pela mudança de rumos das peregrinações em direção à capela levantada em louvor de N. S. Aparecida, em 1745, cuja imagem havia sido encontrada nas águas do Rio Paraíba, em terras então pertencentes a Guaratinguetá, em 1717 (Toledo, 2001).

Em 1746, graças à devoção e à permanente presença desses fiéis, o Papa Bento XIV concedeu indulgência plenária e mercês especiais aos devotos que confessassem e comungassem no dia 15 de agosto.

Com o desenvolvimento da Freguesia, a emancipação política de Guaratinguetá tornou-se almejada pelos seus habitantes e foi requerida em 1788 ao Governador de São Paulo, Capitão Bernardo José Maria de Lorena, que acordou. No dia 14 de novembro do mesmo ano, foi lavrada o *Auto de Ereção à Vila* e, conforme o costume de então, demarcado o terreno para a construção da Câmara Municipal e Cadeia. Na mesma data, a primeira eleição para cargos administrativos da nova Vila foi realizada. Surge,

⁶ Frei Agostinho de Santa Maria, em sua obra "Santuário Mariano", de 1714, apresenta um título todo ele referente à milagrosa imagem de Nossa Senhora da Piedade (Toledo, 2001).

⁷ Até a República o nome de um santo antecedia sempre o nome da cidade. Assim temos, São Francisco das Chagas de Taubaté, Santo Antônio de Guaratinguetá, Nossa Senhora da Piedade de Lorena, Bom Jesus do Tremembé e outros. (Bonatti, 2001).

O português Bernardo José Maria de Lorena, foi nomeado Capitão Geral da Capitania de São Paulo, cargo que assumiu em julho de 1788, nele permanecendo até julho de 1797, quando substituiu o Conde de Barbacena, na função de Capitão Geral da Capitania de Minas Gerais. Segundo os historiadores, foi um grande administrador e preocupava-se não apenas com a capital, mas também com o interior, buscando melhorar seus meios de comunicação.



Fig. 13 - Bernardo José Maria de Lorena, retratado em azulejos no monumento Padrão do Lorena, na Estrada Velha de Santos

assim, a Vila de Nossa Senhora da Piedade de Lorena⁷, nome dado em homenagem ao Governador da Província, antecedido pelo de sua padroeira.

Foi no século XVIII que a colonização no Vale do Paraíba foi ultimada, devido à construção das *vias transversais*, que proporcionaram melhor ligação com o litoral, e a do Caminho Novo da Piedade, construído com o objetivo de facilitar o controle do fluxo dos minérios na região e de beneficiar a ligação terrestre entre as Capitânicas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A Freguesia da Piedade era uma povoação minúscula, em torno da igreja Matriz e do porto e seu beco. A igreja localizava-se no mesmo largo de hoje, que teria uma feição diferente da que conhecemos, porque não existiriam as casas fronteiras, enquanto as residências de seu lado esquerdo seguiam grosseiramente o alinhamento da Rua da Piedade, depois da esquina da Rua Verde (atual Irmã Zoraide). No outro lado do largo, casas pequeninas iam da Rua Direita (atual Viscondessa) até a Rua Formosa (atual Pe. Manuel Teotônio), que se encontravam no prédio da matriz, não existindo a atual Rua Conde José Vicente de Azevedo. Na Rua Direita abria-se o Beco do Porto, que chegava até o braço do Paraíba no ponto de confluência do Ribeirão Taboão. Convém insistir que o maior volume de águas do rio era o outro braço, formando a ilha fronteira à igreja, embora a largura do braço da direita fosse grande, por receber as águas do ribeirão⁸.

A pequena igreja e o beco do porto formavam o que se poderia considerar o “centro urbano”, uma vez que o pequeno largo onde terminava a Rua Formosa ainda não possuía a Igreja do Rosário e só tinha alguma importância porque era o início da Rua do Comércio (atual D. Bosco).

Ali apareceram as primeiras casas comerciais e os ranchos da tropa.

A rua atrás da igreja, depois chamada Rua do Rosário e atual Hepacaré, não teria no séc. XVIII nenhuma residência grande, talvez por causa das sepulturas ou das enxurradas que vinham da parte alta da povoação e que eram a alegria da meninada até a década de 1920.

(...)

A população do povoado, inferior a mil habitantes, devia trabalhar nas pouquíssimas casas comerciais, que eram abastecidas pelas tropas que vinham de Parati e Mambucaba e continuavam para as minas, como também em pequenas oficinas de ferreiro e de arreios. Percebe-se que o pequenino centro dependia do trânsito e (...) que a abertura da estrada de Garcia Rodrigues, direta do Rio de Janeiro para as Minas, provocou estagnação do lugar (Evangelista, 2001, p. 86-87).

O desconhecimento da topografia da área e dificuldades decorrentes da presença de contrabandistas na região contribuíram para que as obras, determinadas no princípio de 1725 e iniciadas apenas no ano seguinte, só fossem concluídas em 1778. Seu trajeto incluía a ligação da

⁸ O Largo da Matriz, foi por mais de dois séculos, o coração da cidade, (...) só perdeu esta posição com a chegada da estrada de ferro e a mudança natural do leito do Paraíba. Todavia, em 1886, quando se começou a atual igreja, preferiu-se voltar seu frontispício para a praça e para a várzea do Paraíba, de costas voltadas para a cidade (Evangelista, 2001, p.113).

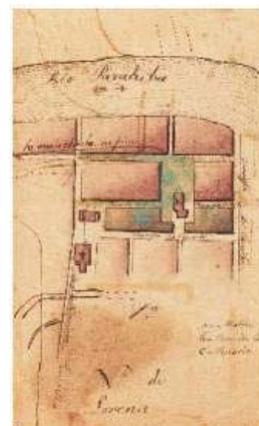


Fig. 14 – Vila de Lorena

Freguesia de Nossa Senhora da Piedade com a Fazenda Santa Cruz, dos padres Jesuítas.

Apesar disso, a ligação São Paulo – Rio de Janeiro pelo Vale do Paraíba não se tornou importante. A produção de Minas escoava pelo Rio de Janeiro, Parati ou Angra dos Reis, o que prevaleceu até mesmo à época do café, quando a produção do Norte do Estado de São Paulo saía por lá, e não por Santos. A Conexão São Paulo - Rio de Janeiro era feita fundamentalmente por mar, através de Santos. Em 1792, foi concluído o calçamento do caminho do trecho da Serra do Mar entre Santos e São Paulo, conhecida como a *Calçada do Lorena*, por ter sido o capitão-general, Bernardo José de Lorena, quem determinou o calçamento (Mota, 2003).

Lorena foi elevada à categoria de cidade em 24 de abril de 1856. A comarca de Lorena foi criada em 20 de abril de 1866, sendo o conselheiro Dr. Joaquim Pedro Vilaça o seu primeiro juiz de direito.

No terreno aos fundos da antiga capela, graças a doações dos moradores, entre eles o Barão e a Baronesa de Santa Eulália, foi construída a Matriz de N.S. da Piedade e, neste então, demolida a pequena igreja de N.S. da Piedade.

... e a Matriz, esse templo de formosura austera, tanto pelo aspecto externo, como pelo interior, ao qual a pureza do estilo, a grandiosidade das dimensões, os inúmeros vitrais e a delicada combinação dos mosaicos do piso, emprestam tão atraente encanto.

(...)

Todo o travejamento, de aço, foi importando da Bélgica; as telhas da cobertura vieram diretamente de Marselha; e os mosaicos do piso foram fabricados em Paris, mediante desenhos próprios remetidos de Lorena (Gama Rodrigues, 2002, p. 84).

Nas palavras de seu construtor:

Um templo, em suma, de puro estilo romano, todo ele incombustível, solidamente construído, em condições de atravessar séculos e não demandar senão poucos trabalhos de conservação (Gama Rodrigues, 2002, p. 84).

No Vale do Paraíba paulista, embora modestas, nos anos 1800, início do século XIX, dominavam a produção de açúcar, aguardente, fumo e de gêneros de subsistência, tais como arroz, milho, feijão e mandioca. A penetração da produção de café na região impulsionou a economia da região e ocasionou certa euforia. Não eram poucos os escravos na região.

Segundo as informações das listas nominativas das Companhias de Ordenanças de Lorena (SP), os 162 escravagistas registrados em quatro dentre as oito correspondentes a 1801, tinham a posse de 912 escravos. Preponderavam os pequenos escravistas, embora a maior parte dos escravos fosse de médios e grandes proprietários. A maior parte desses escravagistas era natural da Capitania de São Paulo; os demais eram naturais de capitânias

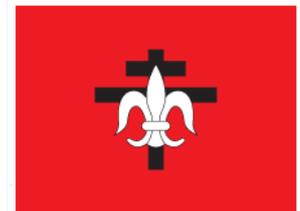


Fig. 15 - Bandeira de Lorena



Fig. 16 - Brasão de Lorena

vizinhas. Nessa época, os nascidos em Portugal eram poucos.

Em relação aos escravos, alguns deles, sobretudo os homens, eram africanos, mas em sua maioria já eram nascidos no Brasil.

Durante o Primeiro Reinado (1822-1831) e o Período Regencial (1831-1840), chegaram a Lorena, assim como a todo o Vale do Paraíba, um grande número, conforme o *Registro de Estrangeiros* na alfândega São Paulo (Mota, 2003).

Lorena, ao lado de Areias e Silveira, tomou parte da Revolução Liberal de 1842⁹, dominada pelo Duque de Caxias. Nessa oportunidade, passou a ser parte da província do Rio de Janeiro, o que perdurou por pouco tempo, pois logo no ano subsequente foi restituída à província de São Paulo (Almeida, 1944).

A imagem de Lorena, no despontar do século XIX, foi fixada por Debret em um de seus desenhos (coleção particular Dr. Castro Maya – Coleção Castro Maya).

Spix e Martius (In Instituto Estrada Real), quando de sua viagem entre os anos de 1817 e 1820, sobre a Vila de Lorena, registraram:

...e alcançamos, finalmente, a vila de Lorena, antes chamada Guaipacaré, sítio pobre, sem importância, constando de poucas casas, apesar dos férteis arredores e do tráfego, entre São Paulo e Minas Gerais. A estrada entre São Paulo para Minas Gerais passa aqui em dois pontos: Porto da Cachoeira e Porto do Meira, sobre o Paraíba, que corre meio quarto de hora a oeste da vila. (...) A planície, embora particularmente muito pantanosa, pertence à região mais fértil de São Paulo. Em particular, prospera aqui excelentemente o fumo, e o seu cultivo é um dos principais trabalhos dos habitantes de Lorena e da Vila de Guaratinguetá.

Cerca de 40 anos depois, quando de sua permanência em Lorena, Augusto Emílio Zaluar (In Instituto Estrada Real), aponta a prosperidade:

...A cidade, edificada em uma planície mais baixa do que a estrada, não ressaltava à vista do caminhante, que a procura na direção que eu seguia. Aparecem apenas de longe os telhados acamados e as flechas de um outro edifício no meio de uma campina a perder de vista. Entretanto, na povoação, descobrem-se extensas e bem alinhadas ruas, soberbos e elegantes prédios, abundantes lojas, e o movimento que já denuncia a atividade de um importante centro. A posição topográfica de Lorena não podia ser melhor escolhida e tem todos os elementos para um dia vir a ser uma das maiores cidades do interior. ... O comércio em Lorena é florescente, e existem na cidade mais de setenta lojas diversas, todas bem fornidas, e grande parte girando com avultados cabedais. ... O caráter dos Lorenenses é franco, inteligente e caprichoso na realização dos melhoramentos locais. ... As Lorenenses são notáveis pela sua formosura e pelo bom gosto com que se vestem, além de sua educação apurada e natural talento...

⁹ A revolução foi muito violenta no Vale do Paraíba, especialmente na cidade de Lorena.

Na memória da cidade, a lembrança da passagem de D. Pedro I por Lorena permanece presente.

la a caminho de São Paulo, na histórica viagem de que resultou a proclamação da Independência e pernitoou em Lorena, em 19 de agosto de 1822. Dessa augusta permanência do príncipe, existe prova material nas portarias expedidas de Lorena – uma “não aprovando a Guarda de Honra formado pelo Governo de São Paulo”, as outras “mandando anular os termos de Vereação extraordinária das Câmaras das Vilas de Itu e Sorocaba sobre o Governo Provisório de S.Paulo”, todas assinadas pelo Ministro Itinerante Luiz Saldanha da Gama, como Secretário de Estado Interino, e datadas do Paço de Lorena, aos 19 de agosto de 1822” [Arquivo do Estado – seção colonial] (Gama Rodrigues, 2002, p. 36).

O “Paço de Lorena”, presume-se, que fosse uma das casas de Joaquim José Moreira Lima.

Permanece também a lembrança da passagem da Princesa Isabel por Lorena, por ela própria registrada em diário particular, durante viagem em 1884.

Dois anos depois, em 18 de outubro de 1886, foram o Imperador D.Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina que, hóspedes do Conde Moreira Lima, estiveram em Lorena.

Nesta época,

a tradição continuava a fixar em torno à Matriz, as residências das principais famílias, e os edifícios destinados ao serviço público.

O crescimento da cidade, porém, se fazia sempre rumo ao nascente, agora solicitado ainda por mais uma determinante – a nova estação da estrada de ferro.

Para esse lado, se estendiam as ruas, se multiplicavam as construções. Sobretudo, as casas de comércio procuravam esse rumo (Gama Rodrigues, 2002, p. 80).

Retrocedendo nas memórias que marcam a cidade, no dia 7 de julho de 1877, chegou à cidade o primeiro trem-de-ferro, inaugurando a Estrada de Ferro D. Pedro II. A ferrovia que atravessa Lorena no sentido Rio de Janeiro – São Paulo, naquele então, ligava a “Capital da Província à ponta dos trilhos que haviam alcançado o porto de Cachoeira, e para qual os capitais lorenenses largamente concorreram” (Gama Rodrigues, 2002, p.,79). Assim, foi ativada a ligação estabelecida pela Companhia Estrada de Ferro S. Paulo e Rio de Janeiro que muito contribuiu para o desenvolvimento e progresso de Lorena (Gama Rodrigues, 2002).

Tiveram lugar no dia 7 do corrente pelas três e meia horas da tarde, como estava anunciado, as festas da inauguração da E. F. de S.Paulo e Rio de Janeiro. A comissão nomeada pela Câmara para angariar assinaturas para os festejos, fizera o que permitiram as suas forças e as circunstâncias para solenizar esse ato. Levantara um grande arco de murta e flores e dois coretos embandeirados onde tocaram

HEPACARÉ

Tiveram lugar no dia 7 do corrente pelas três e meia horas da tarde, como estava anunciado, as festas da inauguração da E. F. de S.Paulo e Rio de Janeiro. A comissão, nomeada pela Câmara para angariar assinaturas para os festejos, fizera o que permitiram as suas forças e as circunstâncias para solenizar esse ato. Levantara um grande arco de murta e flores e dois coretos embandeirados, onde tocaram constantemente duas bandas de música, e na passagem do trem, duas meninas lançaram flores desfolhadas sobre ele, sendo dados diversos vivas pelo presidente da Câmara e freneticamente correspondidos pelo povo. Pelo que referem os jornais, em todas as estações o entusiasmo fora excessivo e a manifestação pública agradável

Jornal Hepararé
Lorena - 12 de Julho de 1877
(Gama Rodrigues, 2002, p.79.)

¹⁰ Em 2004, com a reurbanização da área da estação, foi inaugurado o Centro Cultural de Lorena. Na ocasião, apresentaram-se as bandas do 5oBIL, a Mamede de Campos e, ainda, a FAGAP.

constantemente duas bandas de música¹⁰ e na passagem do trem, duas meninas lançaram flores desfolhadas sobre ele, sendo dados diversos vivas pelo presidente da Câmara e freneticamente correspondidos pelo povo. Pelo que referem os jornais, em todas as estações, o entusiasmo fora excessivo, e a manifestação pública agradável (no jornal *Hepacaré* do dia 12 de julho de 1877, *Apud* Gama Rodrigues, p. 79).



Fig. 17 – Junção do Ramal

A partir de então, as ruas mais próximas da estação ferroviária passaram a ser mais valorizadas e, aos poucos, a vizinhança da Igreja Matriz tornou-se menos atraente.

Porém, foram outras duas conseqüências da chegada do trem que de fato afetaram Lorena, intervindo seriamente no seu desenvolvimento.

A primeira foi o completo abandono do Caminho Novo da Piedade (Lorena) à Fazenda da Santa Cruz (Rio) (...) ocasionando a decadência de Silveiras, Areias e Bananal, já abaladas pela decrepitude da lavoura do café e esgotamento dos seus solos”.

A segunda foi o fim da encruzilhada para Lorena, que fora a razão principal do enriquecimento da Vila. As tropas de burros continuaram descendo do Sul de Minas, mas agora podiam terminar sua viagem em Cachoeira e na estação do Cruzeiro, para que os produtos transportados atingissem o Rio de Janeiro e São Paulo. Naturalment, os portos de Paraty, Mambucaba, Ubatuba e São Sebastião já não tinham o que expedir e receber, pois as tropas se livraram da difícil subida e descida da Serra do Mar. Entraram, pois em decadência (Evangelista, 2001, p. 130).

Por mais de cinco décadas o café sustentou o município de Lorena, após o que, em conseqüência do esgotamento do solo e do envelhecimento dos arbustos, a produção caiu vertiginosamente (Evangelista, 2001). Em conseqüência, a região necessitou desenvolver uma nova agricultura e optou-se pela exploração canavieira. Em 4 de outubro de 1884, de modo festivo, o Engenho Central¹¹ foi

¹¹ ... o “Engenho Central de Lorena”, cuja Sociedade Anônima autorizada pelo decreto n.º 8.098 de 21 de maio de 1881, (...) consegue erguer os edifícios, instalar o maquinário e inaugurar a 4 de outubro de 1884” (Gama Rodrigues, 2002, p. 85).

¹² O Engenho Central localizava-se próximo à Estação Ferroviária de Lorena, na área onde hoje encontra-se a sede do Clube Comercial.

estabelecido bem próximo à Estação Ferroviária¹² (Gama Rodrigues, 2002).

Com as perspectivas e posterior abolição do braço escravo, muitos imigrantes italianos dirigiram-se para a região, alargando a capacidade de produção agrícola da região. Estabeleceram um florescente bairro rural, posteriormente desmembrado de Lorena, constituindo-se no município de Canas. Posteriormente, o preço do açúcar caiu no mercado mundial vertiginosamente devido à estabilização política de Cuba e de outros países produtores. Para manter-se competitivo, o Engenho de Lorena precisaria de uma notável produtividade. Porém, o Engenho era proibido de ter sua própria plantação e de intervir no plantio, o que liberava os agricultores a plantar o tipo de cana que preferissem. Essa medida, que visava ampliar o número de plantadores e circular capital na praça, teve efeito contrário ao previsto, levando o empreendimento ao fracasso, pois os agricultores, despreocupados com a qualidade da cana plantada, não optavam por aquela de maior rendimento, o que acarretava uma grande diferença para a usinagem. Como exemplo, cada hectare da cana “Crioula” rendia 6.050 quilos de açúcar, enquanto que o da “Mapon Rouge” rendia 182.892 quilos. Essa porém, não era plantada pelos agricultores da região (Evangelista, 2001).

Se o Engenho Central tivesse um grande número de fornecedores de cana, ainda poderia, através do preço que pagava, forçar os agricultores a plantar a “Mapon Rouge”. Entretanto, sempre se ressentiu da pequena quantidade da oferta e era obrigado a aceitar toda cana possível, sem distinção de qualidade.

Esse fato grave, ao lado de outros menos importantes, levou o Engenho Central de Lorena à falência (Evangelista, 2001, p. 49).

No século XIX, o desenvolvimento do município decorre do cultivo do café e da produção de açúcar¹³. Posteriormente, com a decadência da economia cafeeira¹⁴, Lorena passou por um longo período de estagnação agravado pelo abalo econômico causado pela abolição, a depreciação de suas terras e a falência do Engenho Central. O trabalho era mal remunerado e poucas eram as oportunidades. As casas de comércio fechavam, a casa bancária encerrou suas atividades. Escravos que, sem ter para onde ir, queriam permanecer nas fazendas, mas os proprietários não tinham como sustentá-los, tampouco aos colonos livres e aos antigos escravos urbanos. Em consequência, foi grande o êxodo e a população foi reduzida (Evangelista, 2001; Gama Rodrigues, 2002).

A saída de tanta gente da zona rural provocou, num primeiro momento, o inchaço da cidade, abarrotando as casas de compadres e amigos. A meninada solta e vadia ficava às margens do Taboão e do Paraíba, “caçando” algum peixe ou quebrando os vidros dos lampiões da iluminação de querosene, enquanto os adultos paravam pelas esquinas e botequins vendo o tempo passar.

¹² O Engenho Central foi inaugurado em 4 de outubro de 1884.

¹³ A produção de café estava em visível declínio. Em 1854, colhia-se 120.000 arrobas e, em 1887, menos de 50.000. No início da década 1890-1900, a produtividade era de 20 arrobas por mil pés, o que com mão-de-obra paga sequer era compensatório colher (Evangelista, 2001).

¹⁴ Alguns tinham como destino a capital, outros o nordeste ou centro-oeste do Estado, na Alta Mogiana ou no ramal de Jaú. Nestes lugares, onde o café estava ingressando, a produção era de 80 a 100 arrobas por mil pés (Evangelista, 2001).

¹⁵ Cf. com Cidades Mortas escrito por Monteiro Lobato, natural de Taubaté, cidade do Vale do Paraíba.

Depois, a fome obrigou toda essa gente a tomar rumo, facilitado pela estrada de ferro¹⁵. E o êxodo foi impressionante, o que pode ser percebido com a comparação do recenseamento de 1890, quando foram contados 13.532 habitantes, com o de 1940, quando existiam 15961. Isto é, em 50 anos os moradores aumentaram somente 2429 pessoas, muito menos que o simples crescimento vegetativo. Lorena parou no tempo (Evangelista, 2001, p. 171).

Como todas as suas irmãs do Vale do Paraíba, sofreu, decaiu, experimentou o travo desolador dos maus dias, e quase entrou no rol das *Cidades Mortas*¹⁶.

Três forças lhe ampararam as energias periclitantes, e a salvaram, nesse curso delíquio – o Ginásio de S.Joaquim, com sua atividade cultural; a unidade militar na cidade sediada, com sua fé e seu patriotismo; a Fábrica de pólvora de Piquete, com o seu vasto parque industrial e obreiro. (Gama Rodrigues, 2002, p. 109).

A presença de oriundos do Estado de Minas Gerais sempre foi marcante em Lorena. Devido a sua posição geográfica entre os três grandes Estados brasileiros — São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais —, Lorena era um caminho natural do Sul de Minas para os outros dois estados. Nesse percurso, muitos mineiros, em geral pessoas humildes, que se estabeleciam no município e se misturavam com os locais. Porém, com decadência da economia do café, muitas fazendas colocadas à venda foram adquiridas por famílias oriundas de Minas Gerais. Em Lorena, encontravam espaço para a criação de gado, superando a dificuldade existente em seu estado, onde as terras já não eram suficientes para a expansão da criação (Evangelista, 2001).

O *Almanaque de Lorena para o ano de 1882* registra que, em Lorena, viviam três professoras de piano e música vocal e instrumental e duas bandas de música: *Orfelina Lorenense* (sob direção do regente e compositor Randolpho José de Lorena) e *Princesa Imperial* (sob direção do regente e compositor Mamede de Campos)

Inaugurada ainda em 1884, a Igreja de São Benedito foi construída em função de um compromisso da antiga Irmandade de São Benedito, criada no ano de 1852. Edificado em estilo gótico, seu interior foi idealizado em estilo barroco. Na seqüência de sua inauguração, foi executada a composição Missa de São Benedito, para voz e orquestra, de autoria de João Gomes de Araújo¹⁷, renomado compositor brasileiro, natural de Pindamonhangaba, cidade também localizada no Vale do Paraíba (Cernicchiaro, 1926).

Os Salesianos chegaram em Lorena em 1887¹⁸. O Conde Moreira Lima¹⁹, durante encontro com o Padre Lasagna, superior da ordem, ofereceu casa e terreno para os Salesianos estabelecerem-se (Toledo, 2002).

Em setembro do mesmo ano, sobre a doação recebida, o Padre Lasagna escreveu:



Fig. 18 - A Basílica Menor de São Benedito

Localizada no centro da cidade de Lorena, no Estado de São Paulo, a Basílica Menor de São Benedito constitui-se numa bela e importante edificação centenária, fazendo parte do patrimônio histórico, artístico e religioso do Vale do Paraíba, região tradicionalmente católica que guarda tesouros da arte sacra espalhadas em museus e acervos particulares, possuindo também inúmeras igrejas datadas dos séculos XVIII e XIX.

(Carvalho, s.d., s.p)

¹⁷ Nasceu em Pindamonhangaba, em 15 de agosto de 1849, onde iniciou seus estudos de música. Muito cedo, mesmo sem conhecer as teorias musicais, demonstrou um acentuado gosto pelas composições.

A missa de S. Benedito, para coro e orquestra foi executada na inauguração da igreja com o mesmo nome, em Lorena (1884) (Cernicchiaro, 1926).

¹⁸ Os Salesianos, que chegaram à América do Sul em 1875, pretendiam constituir um núcleo de comunidades no Centro-Sul do país que servisse como base para a criação da nova inspetoria brasileira. Com havia duas casas de ensino: o Colégio Santa Rosa, fundado em Niterói, e o Liceu Coração de Jesus, em São Paulo; faltava uma terceira, que seria a sede da nova inspetoria (Toledo, 2002).

¹⁹ O Conde Moreira Lima é o grande benfeitor de Lorena. Possuidor de grande fortuna, era conhecido por suas obras de caridade. Entre outros, doou ou contribuiu para a Santa Casa de Lorena, Igreja São José, Igreja São Benedito, Palacete.

A casa, dando para a praça principal, com quinze hectares de pomar, dista duzentos metros da estação da estrada de ferro. Tem condução na porta... Chamar-se-ia São Joaquim; tal é o nome do doador; Conde Moreira Lima, e do pontífice Leão XIII... é provável que o doador ceda também a igreja de São Benedito e uma casa anexa contígua para as irmãs (Magalhães, 1990, p.14).

A terceira casa Salesiana no Brasil foi fundada, em Lorena, em 1890. A 3 de março do mesmo ano, foram abertas as matrículas para o Colégio São Joaquim.

Logo, Lorena destacou-se como um pólo educacional, atraindo estudantes de várias outras cidades, mantendo, inclusive, um internato.

Lorena tornou-se a cidade sede da Inspetoria Salesiana no Brasil a partir de 1896 e em função de seu renomado estabelecimento de ensino,

ampliou funções, responsabilidades, principalmente no que se refere aos noviços e aspirantes à vida Salesiana. Até o ano de 1897, inclusive, o noviciado funcionou no mesmo edifício do São Joaquim, onde se concentravam também os aspirantes a clérigos Salesianos (Magalhães, 1990, p. 19).

Em 15 de novembro de 1917, Durante o pontificado do Papa Bento (Benedito) XV, foi agregado à Basílica de São Pedro em Roma, distinção que notabilizou a igreja como Santuário Basílica de São Benedito.

Em 31 de julho de 1937, por meio da Bula *Christianae Plebis*, com território desmembrado da Diocese de Taubaté, a cidade se tornou sede do Bispado, sendo criada a Diocese de Lorena (pela Bula *Christianae Plebis Regimen* do Papa Pio XI). Além do município de Lorena, a Diocese abrangia outros onze: Areias, Bananal, Cachoeira Paulista, Canas, Cruzeiro, Lavrinhas, Piquete, Queluz, São José do Barreiro, Silveiras e Cunha²⁰ (Gama Rodrigues, 2002).

No início do século XX Lorena era uma pacata, bucólica e provinciana cidade localizada às margens do Rio Paraíba, que ainda margeava os terrenos em frente à sua igreja matriz. A população do município era de aproximadamente 13 mil habitantes, a maioria residente na zona rural (Toledo, 2004, s.p).

6.3 Mais alguns fragmentos...

A Padroeira de Lorena, cuja festa comemora-se no dia 15 de agosto, é Nossa Senhora da Piedade.

Lorena ocupa hoje uma área de 452 Km², restante de inúmeros desmembramentos que sofreu. O primeiro deles, em 1816, vinte e oito anos depois de sua criação, Lorena perdeu com a emancipação de Areias — que na época incluía, além das atuais terras do município, as hoje pertencentes a Bananal, Silveiras, Queluz, São José do Barreiro e Lavrinhas — 2487 km², dois terços de sua área original. Posteriormente, outros municípios tiveram origem



} - Catedral de Lorena

²⁰ Exceto este últimos os demais municípios são desmembramentos de Lorena.

²¹ De acordo com o CENSO 2000 do IBGE, a população de Lorena é de 77843, sendo 74948 na zona urbana e 2895 habitantes na rural. Dentre os habitantes 37901 são homens e 39942 mulheres.

²² Cana para forragem, arroz, feijão, milho, mandioca, hortaliças e fruticultura.

²³ Bovinos para corte, bovinos para leite e suínos.

²⁴ Explo Brasil (química), Norton AS (minerais não metálicos), 33% produtos diversos; 23% plástico; 13% minerais não metálicos; 11% química 8% confecção; 6% artigos de higiene; 2% alimentos, mobiliário, artesanatos de bordados.

²⁵ Na verdade, o Ramal de Piquete fazia parte de um projeto bastante audacioso, que era o prosseguimento dos trilhos desta cidade até a cidade de Itajubá-MG, onde se entroncaria com a então Rede Sul-Mineira, além de um outro trecho que seria construído posteriormente, partindo de Lorena até a localidade litorânea, de Mambucaba, no Estado do Rio de Janeiro. Giffoni, 2003, s.p.)

no desmembramento de suas terras: Cruzeiro, em 1871; Cachoeira Paulista em 1880 e Piquete em 1891. Sua população é de cerca de 80.000 pessoas²¹, 96,10% na área urbana. As tradicionais agricultura²² e pecuária²³ desenvolvidas na região ainda são a base da economia de Lorena, juntamente com a indústria²⁴, cuja expansão indica uma futura predominância.

Um marco na região foi a Fábrica de Pólvora Presidente Vargas, que funcionou de 1907 a 1985, no vizinho município de Piquete.

Em virtude da construção de uma fábrica de pólvora sem fumaça, determinada pelo Ministro da Guerra do governo do Presidente Campos Salles, o Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, foi nomeada, em 16 de Janeiro de 1901, uma comissão para escolher o local mais apropriado para sua instalação. Entre os locais selecionados, encontravam-se as terras pertencentes ao Barão da Bocaina que, ciente do projeto, doou os terrenos. No ano seguinte, o próprio Marechal Mallet, acompanhado de uma comitiva, esteve na região e, nessa ocasião, determinou a construção de um Ramal Férreo entre Lorena e Piquete, visando facilitar o acesso e o transporte entre a região da futura fábrica até a Estrada de Ferro Central do Brasil²⁵. Ante a essas iniciativas, muitos proprietários doaram seus terrenos, bem como algumas desapropriações foram feitas.

Para a construção do ramal férreo (com cerca de 20 km) deslocou-se para Lorena o então denominado 12.º Batalhão de Infantaria. Com 450 homens, no dia 3 de fevereiro de 1902, o batalhão instalou-se na Fazenda Amarela, que pertencia à mãe²⁶ do Barão da Bocaina, o principal doador de terras para este empreendimento. No ano seguinte, também para cooperar na execução da obra, chegou o 53º Batalhão de Caçadores (Giffoni, 2003; Evangelista, 2001).

Com a inauguração do ramal férreo, em 1906, percebeu-se a necessidade da permanência de um contingente militar para proteção da fábrica de Piquete, devido ao fato de que, em novembro de 1907, foi iniciada a construção de um quartel em terras doadas pelo Dr. Arnolfo de Azevedo e pela Câmara Municipal de Lorena. Em junho de 1909, após quase dois anos de intensivos trabalhos, foi concluída a obra. Na mesma ocasião, foi sediado um batalhão de infantaria na cidade, consolidando, assim, a presença dos militares em Lorena e contribuindo para abrandar os sentimentos decorrentes da derrocada do café.

Cabe ressaltar que, embora a construção do ramal férreo tenha sido em função do escoamento da produção da fábrica, o Ramal de Piquete também era de grande importância para o transporte de passageiros, sobretudo dos operários da fábrica. Esses trens de passageiros tornaram-se o principal meio de transporte entre Lorena e Piquete e até hoje são lembrados pela denominação pela qual eram conhecidos: *Trens Piqueteiros*.

²⁶ Dona Angelina Moreira de Azevedo que autorizou a permanência do batalhão em suas terras durante o tempo necessário para a realização das obras.

DE LORENA A BENFICA

Conforme noticiamos, já foram assentados durante toda a semana finda, os primeiros trilhos da Estrada de Ferro que desta cidade se destina a Benfica, onde será construída a fábrica de pólvora sem fumaça. O trabalho de assentamento dos trilhos tem sido feito com admirável atividade, tendo os trabalhadores, nestes últimos dias, percorridos quase 2 quilômetros.

Jornal Correio do Norte
Guaratinguetá
N.º 800
02 de Novembro de 1902



Fig. 20 - Anos 1940



Fig. 21 - Anos 1970



Fig. 22 - Anos 2000

Foi nos anos 50, que o número de passageiros e das cargas transportadas pelos trens piqueteiros começaram a reduzir. Nessa época, devido aos melhoramentos verificados nas rodovias entre Lorena e Sul de Minas, começaram a prosperar empresas de ônibus na região do Vale, bem como circular um maior número de caminhões. Em consequência, a linha do Ramal de Piquete tornou-se deficitária. Ter sido considerada de interesse militar garantiu-lhe uma sobrevivência. Contudo, o trem de passageiros foi desativado na década de 1970; os trens de carga eram então utilizados, apenas, para levar matéria-prima para a fábrica e para escoar sua produção. Com a posterior desativação da fábrica, a utilização do ramal extinguiu-se e os trilhos ficaram abandonados. Nesse estado, permaneceram até 1985 em Lorena, quando a RFFSA os retirou. Mas foi somente em 2001, a pedido da Prefeitura de Lorena, que foram retirados os trilhos do entroncamento do ramal de Piquete com o ramal de São Paulo. Essa solicitação deveu-se ao propósito de que a área integrasse o projeto de revitalização da Estação (Giffoni, 2003). De fato, o local dos antigos trilhos foi urbanizado e a antiga estação abriga hoje um centro cultural, inaugurado em 2003.

A presença de Euclides da Cunha, embora breve, representa uma outra marca na cidade. Voltando a 1901, mais precisamente no último mês do ano, quando Euclides da Cunha mudou-se para o Vale do Paraíba, devido a sua nomeação como Engenheiro-Chefe do 2º Distrito de Obras Públicas, sediado em Guaratinguetá. Fixa residência em Lorena, onde residiu até 1903, para que seus filhos estudassem no Colégio São Joaquim dos Padres Salesianos, "onde os filhos poderiam encontrar boa educação e ensino" (Gama Rodrigues, 1952, p. 6).

Durante o período em que residiu em Lorena, Euclides da Cunha trabalhou como engenheiro de obras por todo o Vale do Paraíba e o Litoral Norte, tendo executado obras de consagrada qualidade.

Trazia consigo: o cargo e os encargos de chefe de distrito; a família; e, a preocupação com a revisão e a impressão de um livro cujo original terminara em São José do Rio Pardo (Toledo, 2002, s.p.).

Como engenheiro, entre outras realizações, trabalhou na construção de diferentes pontes, tanto metálicas quanto de madeira, construiu e reformou diversos prédios escolares, escolas isoladas, cadeias e postos policiais. Dessa época, são os novos e grandes prédios escolares, como o do grupo escolar *Gabriel Prestes*, em Lorena.

Além disso, Euclides da Cunha prosseguia no desenvolvimento de suas atividades como escritor, tendo, nesse período, concluído a revisão e publicado o livro "Os Sertões"²⁷.

O engenheiro era um homem irrequieto, tomado de um propósito: o de revisar e publicar "Os Sertões". Um livro baseado nas correspondências de "Monte Santo" e de

²⁷ Um livro baseado nas correspondências de "Monte Santo" e de "Canudos", publicadas no jornal "Estado de São Paulo", entre os dias 18 de agosto a 26 de outubro de 1897, cujo original terminara em São José do Rio Pardo. Um trabalho de escritor determinado, uma idéia fixa, quase mesmo, uma obsessão (Toledo, 2004).

²⁸ A *Sala Euclides da Cunha* contém várias obras do autor e numerosos objetos de seu uso pessoal, inclusive sua *mesa-secretaria*, onde o escritor refez, aperfeiçoou sua obra máxima, em inúmeros trechos, até atingir a sua forma definitiva. A qual, espontaneamente, legou ao Colégio São Joaquim. Ali permanecem vivas as lembranças da passagem de Euclides pela *minha*, pela *tranquila Lorena*, por este *velho recanto de São Paulo*, como se referia à cidade (Toledo, 2002).

"Canudos", publicadas no jornal "Estado de São Paulo", entre os dias 18 de agosto a 26 de outubro de 1897, cujo original terminara em São José do Rio Pardo. Um trabalho de escritor determinado, uma idéia fixa, quase mesmo, uma obsessão (Toledo, 2004).

Foi com o lançamento de "Os Sertões", ao final de 1902, que Euclides da Cunha foi reconhecido como um dos mais respeitáveis escritores do país.

Torna-se sócio do Instituto Historiográfico e Geográfico em maio; em julho foi lançada a segunda edição de seu livro; em setembro torna-se membro da Academia Brasileira de Letras. Com isto, ampliaram-se as andanças pela região do Vale do Paraíba e para a cidade do Rio de Janeiro, onde em novembro toma posse na sua cadeira no Instituto. Ao final deste ano, já era um escritor consagrado (Toledo, 2004, s.p.).

Em 1952, no primeiro ano de funcionamento da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena foi criada a "Sala Euclides da Cunha"²⁸, com o objetivo de homenagear os cinquenta anos da primeira edição de "Os Sertões". Porém, tendo a frente o Dr. Gama Rodrigues

a idéia evoluiu para a fundação de um local especial com a finalidade de recolher, reunir e preservar todas as reminiscências da passagem de Euclides por Lorena; estudar, pesquisar esta fase de sua vida, pouco comentada pelos seus biógrafos; e, divulgar sua obra (Toledo, 2002, s.p.).

Foi registrado pelos Salesianos que

o êxito da inauguração foi muito além de qualquer expectativa, pelo número de convidados, pelo brilho dos atos inaugurais e pelo renome que a Faculdade começou a conquistar através da publicidade (Livro de Atas do Conselho Técnico Administrativo, 1952, p. 8. Livro de Atas do Conselho Deliberativo da FSFCL. de Lorena, 1952. In Toledo, 2002).

6.4 Um Olhar sobre Lorena de Hoje

Cortado pela Rodovia Presidente Dutra, o município de Lorena dista 225 km do Rio de Janeiro e 182 km de São Paulo. Uma das principais atividades econômicas do município é a pecuária leiteira e, progressivamente, as indústrias vêm se estabelecendo na região.

No século XIX, o progresso econômico do Município de Lorena, devido à cultura do café e à produção do açúcar, foi responsável por seu crescimento e pelo estabelecimento de nobres do Império na região. Também, em consequência, diversos moradores da cidade foram agraciados por títulos de nobreza (Rodrigues, 2002).

Lorena se autodenomina a *Terra das Palmeiras Imperiais*, em referência aos espécimes plantados em 1882 numa das principais ruas da cidade. Muitas casas antigas são conservadas, o que é motivo de orgulho para seus habitantes. Entre elas, a do Conde Moreira Lima, onde a Princesa Isabel e o Conde d'Eu hospedaram-se, por ocasião de sua passagem por Lorena.

Em Lorena, localiza-se um dos mais tradicionais colégios da região, o São Joaquim, para onde durante décadas famílias abastadas internavam seus filhos para que dessem continuidade a seus estudos e onde foi criada uma das mais antigas Faculdades do país. Seus moradores consideram a cidade como possuidora de *tradição cultural*. Sua primeira escola noturna gratuita para adultos e escravos foi fundada em 1874, a Biblioteca Municipal, em 1876 e a primeira escola agrupada, o Grupo Escolar Gabriel Prestes²⁹, foi inaugurado em 1895 (Evangelista, 2001).

Hoje, a cidade abriga instituições, bem conceituadas, que oferecem *faculdades* que atraem alunos não apenas do Vale do Paraíba, como de outras regiões do Estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Com muita frequência, seus moradores se referem à cidade como a *mais violenta da região*. De fato, Lorena, destacava-se no Vale do Paraíba Paulista como a cidade em que os homicídios mais cresceram, situando-a entre as dez cidades mais violentas do Estado de São Paulo (Vale Paraibano, 22/05/2003). Porém, a representação da cidade começa a mudar.

Simbolicamente, a cidade é dividida em quatro áreas: *bairros centrais*, *bairros populares*, *conjuntos habitacionais* e *zona rural*. Os *bairros centrais* são aqueles mais tradicionais, onde residem as famílias tradicionais da cidade, comerciantes e profissionais liberais; os *bairros populares* e, principalmente, os *conjuntos habitacionais* são descritos como as regiões de maior violência na cidade, nos quais residem tanto as vítimas como os responsáveis pela quase totalidade dos homicídios na cidade, mesmo quando estes ocorrem em outras regiões; a *zona rural* é a região onde se localizam sítios e fazendas e, mais recentemente, também algumas casas, construídas e em construção, nos loteamentos de antigas fazendas.

²⁹ Este grupo deu origem à Escola Estadual Gabriel Prestes que dá nome à FAGAP e é o local onde são realizados os seus ensaios.